

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

ANNO I

DESTERRO, 22 DE DEZEMBRO DE 1867.

N. 13.

A ESPERANÇA.

Seis mezes tem já decorrido e a nossa Esperança caminha sempre impavida, apesar mesmo das perseguições suscitadas, já por pessoas que se não devião importar connosco, já por nossos próprios companheiros!

Parece incrível!

São nossos companheiros, são aquelles que se unirão a nós no principio, com o fim de a sustentar sempre e a todo o custo, que aproveitando-se de pequenas intrigas exteriores, querem fazer cair sobre ella toda a indignação de que se achão possuidos, afim de assim fazerem-n'a baquear!

Os nossos mesmos patricios, que a acolherão tão benignamente, hoje deixão de a assignar, deixando por consequencia de tomar parte no bando d'aquelles, que, com o indice erguido, nos mostrão o caminho do futuro, ao qual anciosa pretende chegar a mocidade cãtharinense.

E' admiravel.

Em todas as provincias do Imperio ha jornaes como o nosso, sociedades como a nossa; mas uma differença distingue esta d'aquella: lá, protege-se a mocidade, protegendo-se as sociedades litterarias; aqui esmaga-se, não acolhendo o seu orgão!

Mas não obstante trabalharemos sempre, e cada vez com mais gosto; porque se ha dois ou quatro que só segurão na mão um jornal, com o fim de lerem as dissensões internas, ha oito ou mais que o tomão com o fim de verem e apreciarem o augmento que faz de dia em dia a mocidade catharinense!

E esses são os verdadeiros homens.

Resta-nos porem, não demerermos do conceito que gozamos para com esses senhores, e assim esperamos proceder; pois emquanto aquelles nos querem abater, outros se esforçoão por elevar-nos á altura que aspiramos. Não desanimaremos, pois.

Ao futuro! é o nosso grito, como já o disse Silvio Pellico, e esse grito echoará por muito tempo, porquanto é sahido de peitos fortes, e que não vacillarão nunca, todas as ve-

zes que se tratar de sustentar e augmentar o seu orgão.

R. Junior.



Discurso da Abertura,

PROFERIDO POR VICTOR HUGO, NO CONGRESSO DA PAZ EM PARIZ, Á 21 DE AGOSTO DE 1849.

(Continuação do n. 12.)

Nesta immensa obra da pacificação, está a melhor maneira de ajudar á Deus!

Porque Deus o quer, este fim sublime! E vêde, para ahí chegarmos, o que Elle faz de todas as partes.

Vêde quantas descobertas tem Elle feito salhir do genio humano, e todas ellas são para este fim — a paz!

Que progresso! que simplificações! Como a natureza se deixa cada vez mais domar pelo homem! Como a materia se torna cada vez mais escrava da intelligencia e da civilização! como as causas de guerra desaparecem com as causas de soffrimento! como os longinquos póvos se tocão, como as distancias se approximão! e a approximação é o começo da fraternidade!

Graças aos caminhos de ferro, bem cedo a Europa não será maior do que era a França na idade media!

Graças aos navios à vapôr, atravessa-se hoje o Oceano mais facilmente do que se atravessava outr'ora o Mediterraneo! Dentro em pouco o homem percorrerá a terra como os deuses de Homero percorrião o céu, em trez passos; alguns annos ainda, e o fio electrico da concordia cercará o globo e unirá o mundo.

Aqui, Senhores, quando eu aprofundo esta vasta união, este vasto concurso de esforços e de acontecimentos, todos apontados pelo dedo de Deus; quando penso n'este fim magnifico, o bem-estar dos homens, a paz; quando considero no que a Providencia faz pró e a politica contra, uma dolorosa reflexão se offerece ao meo espirito.

Resulta das estatísticas e quadros comparados que as nações européas despendem todos os annos, para a manutenção de seus exercitos, uma somma que não é inferior á dous mil milhões, e que, se se lhe acrescentar a despeza do material para os estabelecimentos de guerra, eleva-se á trez mil milhões. Acrescentai ainda o producto perdido dos dias de trabalho de mais de dous milhões de homens, os mais sãos, os mais rigorosos, os mais moços, a flôr das populações, producto que não podeis avaliar em menos de mil milhões; e concluireis d'ahi que os exercitos permanentes custão annualmente á Europa quatro mil milhões. Senhores, a paz acaba de durar trinta e dous annos, e em trinta e dous annos, a monstruosa somma de cento e vinte e oito mil milhões foi despendida durante a paz para a guerra! Supponde que os povos da Europa, em logar de se desafiarem uns aos outros, de se injuriarem, de se odiarem, se tivessem amado; supponde que tivessem dito que antes de serem Francezes ou Allemaes, tinham sido homens, e que, se as nações são patrias, tambem a humanidade é uma familia; e agora essa somma de cento e vinte e oito mil milhões tão louca e vamente despendida pela desconfiança, despendei-a pela confiança! Estes cento e vinte e oito mil milhões dados á guerra, dai-os á paz. Dai-os ao trabalho, á industria, ao commercio, á navegação, á agricultura, ás sciencias, ás artes; e vêde o resultado.

Se, dêsde trinta e dous annos, esta gigantesca somma de cento e vinte e oito mil milhões tivesse sido despendida d'esta maneira, a America, de seu lado, ajudando a Europa, sabeis vós o que teria acontecido? A face do mundo teria mudado! os istmos estarião cortados, os rios cavados, as montanhas abertas, os caminhos de ferro cobririão os dous continentes, a marinha mercante do globo teria centuplicado, não haveria mais em parte alguma, charcos nem charnecas; têr-se-hia edificado cidades onde apénas existem solidões, têr-se-hia cavado pórtos onde só há escólhos; a Asia teria tornado á civilisação, a Africa têr-se-hia ao homem; a riqueza brotaria de todas as partes, de todas as veias do globo, sob o trabalho de todos os homens, e a miséria desappareceria!

E sabeis vós o que desappareceria com a miséria? As revoluções. Sim, a face do mundo teria mudado! Em logar de se lacerarem entre si, espalhar-se-hião pacificamente por todo o universo; em logar de fazerem revoluções, farião colonias; em logar de trazêr-se a barbaria á civilisação, levar-se-hia a civilisação á barbaria. Vêde, Senhores, em que cegueira a preocupação da guerra lança as nações e os governos!

Se os cento e vinte e oito mil milhões, que tem sido dados pela Európa, dêsde trinta e dous annos, a guerra que não existia, fossem

applicados á paz que existia, digamo-lo e digamolo alto e bom som, não teriamos na Európa o que vemos presentemente; o continente, em logar de ser um campo de batalha, seria uma officina, e em logar d'este espectáculo triste e doloroso: o Piemonte abattido; Roma, a cidade eterna, entregue ás oscillações miseraveis da politica humana; a Hungria e Venêsa que combatem heroicamente; a França inquieta, empobrecida e taciturna; a miséria, o lucto, a guerra civil, a ignorancia no futuro; em logar d'este sinistro espectáculo, teriamos sob as vistas a esperança, a alegria, a benevolencia o esforço de todos para o bem-estar commum, e veriamos então se desempenhar da civilisação em trabalho o magestoso brilho da concordia universal! Causa digna de attenção! forão as nossas precauções contra a guerra que nos trouxerão as revoluções! Tem se feito tudo, tudo despendido contra o perigo imaginario!

Tem se augmentado assim a miseria que era o perigo verdadeiro! Fortificamo-nos contra um perigo chimerico, voltámos as nossas vistas para o logar onde não havia o ponto negro; vimos as guerras que não vinhão, e não vimos as revoluções que chegavão.

Senhores, não desesperemos por isto, ao contrario, esperemos mais que nunca! Não nos deixemos amedrontar por comoções momentaneas, agitações proprias talvez dos grandes partos; não sejamos injustos para o tempo em que vivemos, não vejamos a nossa época de outro modo que não é. Prodigiosa e admiravel é ella antes de tudo, e o seculo 19.º digamol-o bem alto, será a maior pagina da historia. Como eu vól-o lembrava agora, todos os progressos ahi se relevão e manifestão por seu turno, uns trazendo apóz si os outros: quêda das animosidades internacionaes, desapparecimento das fronteiras nos mappas e dos prejuizos nos corações, tendencias para a unidade, melhoramento dos costumes, elevação do nivel ao ensino e depressão do nivel das penalidades; denominação das linguas as mais litterarias, isto é, as mais humanas.

Tudo se move ao mesmo tempo, economia politica, sciencia, industria, philosophia, legislação, tudo converge para o mesmo fim, a criação do bem-estar e da benevolencia, isto é, de minha parte, pelo menos, é esse o fim ao qual me proporei sempre, — extincção da miseria no interior, extincção da guerra no exterior. Sim, Senhores, digo finalmente, a era das revoluções expira, a dos melhoramentos começa; o aperfeçoamento dos povos deixa a fórma violenta para tomar a pacifica; chegou já o tempo em que a Providencia vai substituir á accção desordenada dos agitadôres a accção religiôsa e calma dos pacificadôres!

Eis aqui o fim da grande politica, da politica verdadeira, d'aqui em diante: reconhecer todas as nacionalidades, restaurar a uni-

dade histórica dos povos e reunir esta unidade á civilização pela paz, alargar incessantemente o grupo civilizado, dar o bom exemplo aos povos ainda barbaros, substituir o arbitramento ás batalhas; emfim, isto resume tudo, fazer pronunciar pela justiça a ultima palavra que o mundo antigo fazia pronunciar pela força.

Senhores, digo terminando, e que este pensamento nos anime; não é de hoje que o genero humano está em marcha pelo caminho providencial. Na nossa velha Európa, a Inglaterra deo o primeiro passo, e por seu secular exemplo, disse aos povos: Sois livres! A França deu o segundo e disse:

Sois soberanos! Agora demos o terceiro, e todos juntos, França, Allemanha, Inglaterra, Belgica, Italia, Európa, America, digamos aos povos:

Sois irmãos!

Dezembro 8 de 1867.

(Tradução de RAMOS JUNIOR)

○ Trovador.

Alvas arêas, doces, peregrinas
Tão magas, tão divinas,
A' luz fagueira e bella da alvorada,
Quem foi a mão formosa, que inspirada
Tão cheia de candura
Vos fez assim — Rainha em formosura ?

— Alvas arêas — throno da innocencia
Oh! symbolo da clemencia,
Soffreis o mar em ondas despiçadas
E, quando maltratadas
Viveis assim tão lindas e formosas
Se vão depressa as rosas
— Fagueiras e queridas
N'um céo, á luz, nascidas —
Viçosa, grata e bella dos prazeres...

Ah! é bem que murchem lindas flôres,
E, terno e triste das fanadas côres
Se veja no occidente
Mudando a luz a tarde, e de repente
Coberto o rei do dia
Por nova côr formada de agonia...

E ha de ser terrivel
— Teo fadario horrivel
— Praia gemedôra do deserto!
Mas.. de ti bem perto
Vem sempre o trovador chorar sentido
Seos males e infortunio
Mas... Qu'importa a vida
Se tanta luz perdida
Na dôr de um triste fado está vertida ?

Ah! brancas arêas
Vós, de prantos chêas
— Podeis o trovador amar que chora
Que um terno amor implora
Cingido assim de magua e d'esperança!

Suspiro sempre á tarde
E, quando o sol não arde
A' luz cruel e triste do occidente
— Praia dos amores!
Minh'alma fielmente
Traduz aqui, coitada, teus gemidos
— Tão feroz, doloridos,
Que são talvez d'un'alma suspirosa
— A nota mais trevosa,
Que sóe trazer a sanha do infortunio.

Sim, brancas arêas
Vós, de pranto chêas
— Podeis o trovador amar que chora
Que um terno amor implora
Cingido assim de magua e d'esperança!

A minha Iluza bella
De olhos como estrellas
— Formosa e tão singella
Viroû seo rosto um dia, e mais ligeira
Que a brisa feiticeira
Deixou meus olhos tristes que miravão
Seos olhos que brilhavão!

Ah! brancas arêas
Doida voz lembrando meus amores
Me contam vossas dôres
— Tão longas agonias
Que não podeis fingir as alegrias
Que vejo em vosso leito
— Tão puro e satisfeito,

Choraes um dia inteiro sem descanso
Até que volte manso
E ledo como a hora da alvorada
O mar em onda doce e demorada...

Sois meo terno encanto
Tambem medito ás vezes, soffro tanto
Que nem siquer me é dado
Voltar ao meo passado
Tão negro como um céo de negra vida
De horrenda crueldade!

Ah! lindas arêas
— Filhas do deserto
Estou de vós bem perto
Vou agora amar vossos suspiros
Guardai os meus delyrios,
Que nunca soube Iluza comprehendel-os!

S. PELLICO.

A' Marilia.

E's Marilia, formoza donzella,
 Mais sensível que a roza em botão:
 Tens mil graças, ternuras, encantos....
 — E's a gloria de meu coração !

Acredita, donzella, acredita,
 Na firmeza da minha expressão:
 Só por ti é que pulsa no peito,
 Com ternura, este meu coração.

E's a Estrella que guia meus passos,
 Neste mundo fallaz, de illusão !....
 Oh ! Marilia, meu anjo querido,
 — E's senhora de meu coração !

Acredita, donzella formoza,
 Meiga virgem de minha paixão,
 Que jámais deixarei de adorar-te,
 Como o id'lo de meu coração.

F. D. D' OLIVEIRA.

Lamentos de minh'alma

à

S. F.

Adôr que meu peito sente
 E' dôr aguda e pungente.

Deus eterno, já não posso
 Soffrer tanta desventura
 Estas dôres tão pungentes
 Me conduzem á sepultura !

Não vês que essa dôr me mata
 Inda tão joven... co'amor ?
 Que a lembrança da fria morte
 Me acabrunha com terror ? !

Não vês que dentro em meu peito
 Sinto um fogo abrasador,
 Que despedaça minh'alma
 No mais puro e vivo amor ? !

Como então, ó Deus bondoso
 Deixas-me tanto soffrer,
 Sem allivio ter ao menos
 D'um continuo padecer ?

Oh ! que sonho tão terível !
 Eu blasphemando de Deus !
 Justo pai dos peccadores,
 Amador dos filhos seus.

Perdão ! ó Deus, eu vos peço
 P'ra minh'ardente paixão,

Bem ves que sou peccador
 Bem digno de compaixão.

Não é de ti que me queixo,
 E' do mundo, só do mundo,
 Que ao triste mortal atira
 N'um abysmo tão profundo !

E... sem dôr, sem compaixão
 Deixa-o errante, perdido,
 Qual a flôr que necessita
 Do orvalho dos céos cahido,

COSTA E OLIVEIRA

Logogripho

Um grande rei pagão eu fui outr'ora,
 E meus dias acabei sendo christão;— 1^a 2^a 3^a
 Na Europa dominei certo paiz (e 4^a
 Pequeno sim, mas qu'era grã nação.

De Saturno parente eu sou chegado,
 E meu nome verás na prima ordem:
 Meus direitos cedendo fiz nascer
 Entre a familia sua só desordem. 3^a e 2^a.

Mas se eu fôra assim, tal não se dera; 1^a 2^a 3^a
 Primeiro ambicioso, apóz avaro:
 Perdi por fim da venda o lucro tido,
 Dando ao mundo assi exemplo raro.

E se laçada tu quizeres ver,
 Onde terás tu de a procurar ? 8^a 8^a.
 Comquanto dito tinha, digo mais:
 Procura bem e bem até achar. 4^a 4^a.

E se a vogal da sexta tu trocares,
 E a unires depois da quinta á parte.
 Com outras que dizer-te vou, terás
 Uma grande cidade em genio e arte. 1^a 2^a 3^a
 (4^a 5^a

Toma agora de tudo quanto eu disse, 9^a 8^a
 E chegarás por fim á conclusão.
 Pagão já fui, christão agora sou
 Defensor do Islamismo—um mulsumão.

RAMOS JUNIOR.

Dezembro 17—67.

A decifração do logogripho publicado no
 n. 10 é—Cartapacio, a charada do n. 11—
 Paraguay, e a do numero antecedente— Es-
 perança.